

nkores Membros da Assembleia Municipal, Povo de Aveiro. Quando em Abril de 1973, com a realização do 3º Congresso da Oposição Democrática, a repressão governamental se abateu sobre Aveiro, poucos dos que hoje aqui, nesta Assembleia, representam o Povo do Concelho, acreditavam que um ano depois, a ditadura opressora agonizaria numa tão bela madrugada de libertação, como foi a de 25 de Abril de 1974. O simples facto de nos encontrar-mos aqui, como representantes eleitos pelo Povo de forma livre e democrática, já seria, por si só, motivo e força bastantes para, de algum modo - mesmo deste modo simples - comemorarmos a data histórica do 25 de Abril. Para a APU e, naturalmente, para todos os verdadeiros Democratas, as comemorações do 6º Aniversário da Revolução de Abril assumem um elevado imperativo de consciência e determinação a que nenhum português autêntico poderá furtar-se. Numa altura em que as forças de direita/^{mais obscurantistas} pretendem macular Cidadãos íntegros, que ao longo das suas vidas exemplares, em autêntico holocausto, se deram desinteressadamente à luta do Povo Português, queremos deixar aqui bem expressa, nesta data gloriosa para todos nós, a evocação desse grande Aveirense, dotado do mais elevado exemplo de humanismo, abnegação, inteligência e cultura, que foi Mário Sacramento. A todos quantos, por razões mesquinhas, provocatórias, ou por mera cegueira sectária, pretendem banir da memória do Povo o nome deste nosso Companheiro de luta, nós, membros eleitos da APU nesta Assembleia Municipal, pretendemos deixar bem vincado, neste 6º Aniversário da Revolução de Abril, o nosso reconhecimento profundo a Mário Sacramento, pelo seu inesquecível contributo para a libertação do nosso Povo e, simultaneamente, a nossa vontade firme de continuarmos a lutar pelos seus ideais, por os entendermos os mais justos e os mais desejados pelas classes humildes e laboriosas do nosso País. O 25 de Abril está vivo nos corações e nas consciências dos Portugueses; a prová-lo, está o repúdio generalizado dos mais variados sectores da opinião pública da nossa região - e do próprio País - à frente dos quais não podemos deixar de assinalar o insuspeito semanário "O LITORAL" pelo afrontoso banimento de Mário Sacramento da toponímia da sua terra natal. Senhor Presidente, Senhores Membros da Assembleia: Iniciei esta minha intervenção, que será breve, a assinalar duas datas - ambas marcos históricos deste País - a evocar a figura e o exemplo dum Cidadão ímpoluto e a focar um episódio de mesquinhez e sectarismo doentio e deveras lamentável. Essas datas e a afronta tão desajustadamente cometida à figura evocada são - devem ser - forte motivo de ponderação e reflexão para todos os presentes e, naturalmente, para toda a População do Concelho de Aveiro, aqui representada. Hoje, decorridos 6 anos sobre essa manhã libertadora do 25 de Abril, impõe-se a todos os Portugueses, mais do que nunca, uma ponderada análise reflexiva dos

Manuella

Q

Ry

Q

Manuella

Handwritten signatures and scribbles at the top of the page, including names like 'A. Almeida' and 'A. Almeida'.

Handwritten word 'Paradiso' on the left margin.

Handwritten scribbles and signatures on the left margin.

tempos passados, de forma a serem definidas conscientemente as opções e as linhas de orientação futuras, a fim de pautar a Democracia na defesa dos mais fracos e sempre com a salvaguarda da independência nacional. E após tal momento de reflexão, ninguém negará honestamente, por certo, que foram cometidos erros após o 25 de Abril. Tais erros, porém, (e/ho-^{também} nestamente será necessário reconhecê-lo) sempre seriam inevitáveis num País desbloqueado e libertado após quase 50 anos de ditadura. Mas o 25 de Abril - que reflectiu e identificou as mais profundas aspirações democráticas do Povo Português com os heróicos Capitães do M.F.A. - representa e contém em si a aspiração e os anseios do Povo, tais sejam o derube do governo fascista e a conquista definitiva da Democracia, da Liberdade, da Paz e do Progresso Social. Com o 25 de Abril, os Capitães libertadores, apoiados e impulsionados pelas Forças Populares, abriram caminho a profundas transformações políticas, económicas e Sociais, que a Constituição da República consagra e geraram-se perspectivas para a resolução dos problemas nacionais mais candentes e para a satisfação dos legítimos anseios dos Portugueses. Os saudosistas do passado, que após os primeiros tempos de aturdimiento, sempre lutaram contra o novo regime, e que são, afinal, a base de apoio ideológico e material daqueles que, nesta região de tão reconhecidas tradições democráticas, atacam feroz e indiscriminadamente a Democracia e as suas Figuras mais representativas, afirmam-se estimulados na prática de tais actos, pela actuação do actual governo. As forças reaccionárias desenvolvem assim, uma ofensiva geral, no sentido de impedirem a consagração irreversível das esperanças e conquistas geradas em Abril, planeando fazer regredir o nosso País a um novo regime ditatorial e opressivo. Mas o Povo de Aveiro, tal como o Povo Português de uma forma geral, não consentirá que isso aconteça. O Povo, esse Povo tantas vezes abocanhado pelas forças mais obscurantistas, tem demonstrado, na sua longa história de luta permanente, que quem ama a Liberdade, a Democracia e o Progresso Social, que a Constituição da República consagra, como via para o Socialismo. O 25 de Abril continua vivo, ^{e bem vivo,} no coração das camadas populares, e de forma assás vincada no Povo de Aveiro - facto tão inequivocamente demonstrado nas recentes lutas dos Operários Metalúrgicos, Químicos e Trabalhadores da Função Pública, entre outros, pela obtenção dos seus contratos colectivos; nas lutas dos reformados, das mulheres, das jovens e dos deficientes, pela defesa legítima dos seus direitos específicos. Que o 25 de Abril está vivo, demonstram-no as recentes e impressionantes manifestações realizadas em todo o País - e também em Aveiro - contra o aumento do custo de vida e pela exigência de um governo que prossiga os ideais de Abril; fo-

Handwritten signatures and notes at the top of the page, including names like 'Antonio', 'J. Bettencourt', and 'Severino'.

Handwritten notes on the left margin, including the name 'Manana' and several illegible signatures.

ram-no ainda as várias iniciativas de apoio e defesa da Constituição da República; foram, finalmente, hoje e aqui na nossa Cidade e em várias freguesias, as expressivas adesões às Comemorações do 60. Aniversário da Revolução. E serão também, sem dúvida, igualmente enquadradas neste espírito e nesta luta, as comemorações do 10. de Maio que ora se aproxima. Desde épocas recuadas - e com que sacrifícios pessoais e colectivos! - o Povo de Aveiro lutou contra a ditadura e a opressão, pelas Liberdades e pela Democracia. Fiel aos seus princípios e à memória dos seus mortos sacrificados, o POVO DE AVEIRO CONTINUARÁ A SUA LUTA PELA LIBERDADE E PELA DEMOCRACIA. CONTINUA A QUERER E A DEFENDER ABRIL".

Imediatamente a seguir usou da palavra o Vogal Carlos Candal que, em nome do Partido Socialista, disse o seguinte: "Sr. Presidente, Srs. Membros da Assembleia Municipal, Aveirenses. Já seria realmente significativo o simples facto de constituirmos a Assembleia Municipal livremente eleita. É aí que começa a diferença entre o 24 e o 25 de Abril, mas a possibilidade que temos de forças políticas com ideologias diferentes, a possibilidade que temos de forças políticas com ideologias diferentes, a possibilidade que temos de vir aqui louvar cada um à sua maneira o 25 de Abril, representa a consagração mais manifesta de um novo estado político em que vivemos. O 25 de Abril foi um movimento, é uma data histórica, mas não pode ser analisado numa perspectiva meramente momentânea, é preciso olhar para trás e depois relançar a vista para o horizonte do futuro. É preciso desde logo que se diga que o 25 de Abril daquela data, já vinha há muito sendo construído lentamente, por gente anónima, cada um dando o seu pequeno contributo. Não só pelos intelectuais que escreviam contra a tirania, não apenas pelos heróis da resistência que passaram anos e anos nos cárceres da PIDE, também pelo activista anónimo que passava o jornal clandestino, o pequeno comunicado, a anedota detentiva contra o fascismo, também pelo militante anónimo que esteve na PIDE apenas uma hora ou um dia ou dois dias, que não vem na história, que ninguém sabe quem é, que nunca ninguém ouviu dizer-lhe o nome. O 25 de Abril foi preparado por toda a comunidade cada um na sua esfera de intervenção, cada um à sua maneira. Uns mais corajosamente, outros com maior medo e quem não tinha medo nessa altura? Só que medo não significa desistência, medo não tem de ser igual a cobardia e faço uma referência expressa às mulheres portuguesas que souberam apoiar tantas vezes na primeira linha, xas sempre na rectaguarda, souberam apoiar a coragem dos seus maridos, dos seus irmãos, na luta contra a tirania, contra a prepotência. É uma referência necessária essa aos portugueses anónimos que permitiram o 25 de Abril, 25 de Abril feito pelos militares, muitos de-

lin
António
Alameda
João Soares
Beccardi
SB
Henrique
Walter
5.

António
Alameda
João Soares
Beccardi

les também anónimos, e que não andam nas primeiras páginas dos jornais, muitos deles soldados sem saberem bem ao que o 25 de Abril conduziria, mas com uma intuição de que acabava algo de negativo, que terminava um pesadelo e que tudo quanto pudesse vir sempre seria melhor do que aquilo que tinha acabado. O Povo de Aveiro em geral, particularmente alguns resistentes que tomam assento muitos deles nesta sala, em vários quadrantes de opinião, o povo de Aveiro e a sua vanguarda de resistentes teve também um papel decisivo na construção, na preparação do 25 de Abril. Quero referir-me aos Congressos da Oposição Democrática que foram um marco assinalado, esse sim, momentos históricos assinalados na luta contra o fascismo, na resistência contra o fascismo. Congressos de Aveiro que foram possíveis por circunstâncias que oportunamente se poderão sublinhar, mas não será descabido aflorar um certo clima de tolerância, um micro-clima que o fascismo permitia em Aveiro, um certo sentido de independência e liberdade que os Aveirenses sempre tiveram possibilidade de se harmonizarem em esforço -conjunto pessoas que tinham ideologias diferentes. E entre todos sempre se destacou a figura de Mário Sacramento, não sei se era ou não era comunista, pouco me importa, os homens da oposição democrática nunca pediram uns aos outros uma claração sobre as suas opções ideológicas, só nos unia a ambição de derrubar o fascismo, o desejo de libertar o povo português, para que o povo pudesse livremente escolher os seus próprios caminhos. Mário Sacramento é uma figura respeitada que neste momento e a propósito do 25 de Abril gostarei de desagrarar na perseguição mesquinha que está a ser alvo de forças canhestras, pontuais, avulsas, que penso que não significam sequer um afloramento de um qualquer movimento mais amplo contra essa figura ímpar de cidadão, contra essa figura destacada de intelectual, contra esse homem que era também um médico distinto e um médico sem ganância económica. O 25 de Abril naquela data só foi possível pela adesão espontânea popular que secundou o movimento militar e que só foi possível também porque o regime fascista estava realmente podre e porque era um regime de cobardes, porque era um regime de gente sem moral e sem dignidade que não tiveram a coragem sequer, por coerência, por dignidade própria, de sair à rua e correr o risco de defender a sua própria ideologia ou carência de ideologia. Os facistas nem todos são assim, mas o fascismo português era um fascismo descaracterizado, era um fascismo abastardo, era um fascismo de decadência, o que não tira o mérito à Revolução o que sublinha esse mesmo, o que sublinha o valor da adesão popular que se apercebeu de que o apoio de toda a população se tornava necessário para consolidar a democracia instituída ou que se pretendia instituir, só que o 25 de Abril não ficou logo definido. O 25 de Abril precisava de estabelecer a sua ideologia, o seu ritmo e muitas vicissitudes se anotaram até que a cons-

tituição da República estabeleceu o trilho para a revolução democrática, é a carta de alforria e a magna carta da revolução, da revolução de Abril de 1976. Só então se pode estabelecer um note rigoroso sobre o que democraticamente o povo português pretendia fazer da sua pátria, constituição que é susceptível de ser revista, constituição que não é um documento inventável, constituição que se aceita que possa conter erros, constituição que todavia tem linhas essenciais de nobreza, de dignificação do homem, de consagração dos direitos fundamentais da pessoa, constituição que é idealista, talvez utópica quando quer construir simultâneamente a democracia política e democracia económica, quando quer garantir em pleno as liberdades individuais, a expressão de pensamento, a liberdade de reunião, a liberdade de partidarização, a liberdade sindical, quando quer harmonizar as liberdades individuais com os interesses do colectivo, quando aponta para a obrigação que todos têm em relação à comunidade, como um todo, constituição ambiciosa quando pretende que todos os homens tenham direito a uma habitação condigna, a subsistência de nível mínimo, a salário decente, a assistência médica eventualmente gratuita, à reforma na velhice, à educação por igual para todos. Constituição ambiciosa porque aponta para soluções que nem os países mais ricos, nem os países mais evoluídos conseguiram ainda atingir. Constituição talvez difícil de satisfazer na prática quando admite e propõe a existência simultânea do sector económico estatizado, da apropriação colectiva das grandes fontes de riqueza nacional que penso ninguém possa aceitar pertençam a este ou àquele singularmente, mas devem ser realmente propriedade de toda a comunidade. Constituição que pretende harmonizar esse tipo de propriedade com a propriedade cooperativa que é um Instituto infelizmente pouco desenvolvido e que importa levar por diante sendo como é certo que se há ponto de unanimidade entre todas as forças políticas representadas na Assembleia da República é exactamente sob a necessidade e a conveniência e a legitimidade do movimento cooperativo e das soluções cooperativas fortes e eficazes. Constituição que aceita e sublinha a necessidade e a conveniência da propriedade privada e da iniciativa privada. Constituição que é a consagração não definitiva mas estabilizada do que foi a evolução do 25 de Abril assim que se estabeleceram certos equívocos relacionados com saber-se a favor de quem era a Revolução, saber-se o que é que a Revolução queria construir, Revolução que precisa de ser aplicada e que pode ser aplicada por todos os portugueses desde que se afastem egoísmos estéreis, desde que cada um possa durante algum tempo e a propósito de tudo pensar que existem os outros à maneira exactamente dos mandamentos da Igreja Católica, que fala em fraternidade, que fala em solidariedade, que fala em obrigações de uns para

Admiral
[Handwritten marks]

Lin
[Handwritten signatures and scribbles]

com os outros, 25 de Abril que é possível construir com as armas que o povo português tem nas mãos e que não são G3, são as armas do trabalho, de todo o trabalho sem discriminações, do trabalho do intelectual, da enxada do lavrador, da máquina de escrever do homem de escritório, instrumentos de trabalho que podem permitir a recuperação económica do nosso País, condição essencial para que se estabilize a democracia, condição necessária para que possa haver justiça social, para que possa haver repartição justa da riqueza nacional, não se pode partir o que não há. É preciso que os portugueses se convençam da necessidade de produzir, da necessidade de construir, da necessidade de fomentar, da necessidade de desenvolver sem preconceitos. Os trabalhadores sem o preconceito limitativo de que estejam a trabalhar apenas para os capitalistas que não escondam ninguém a sua incapacidade ou a sua passividade no trabalho com esse pretexto. E ao contrário que os chamados empreendedores, os homens do capital e subsiste uma economia capitalista, não escondam a sua incapacidade, a sua mediocridade, a sua timidez, sob o pretexto de que não há condições para investir sob a alegação de que a constituição da República não permite um desenvolvimento harmonioso das relações de trabalho, o que em meu entender, é rematadamente falso. O trabalho, uma das armas, um instrumento para a reconstrução deste País e para a permanência do 25 de Abril e o outro chama-se tão singelamente o voto, e é pelo exercício do direito do voto, que a comunidade manifesta sobretudo as suas opções, e é pelo apuramento das maiorias que se faz democracia e para quem sempre defendeu a liberdade política, o voto livre, a opção ideológica e diversificada, cada um tem o direito de pensar como quiser ou como aconteça pensar. Ninguém diga alguma vez que o povo se engana a votar. O povo mesmo apesar das manipulações, mesmo apesar dos caciquismos, o povo encontra sempre a possibilidade de acertar as suas escolhas e mesmo quando erra o povo não erra duas vezes. Já se tem dito que o povo não erra porque isso é da essência da democracia, e se erra o povo não repete o erro, isto para dizer que o governo e a Assembleia da República que dirige os destinos deste País neste momento, são órgãos políticos democraticamente legitimados, o que não significa que não possam e não estejam, em meu entender, a cometer erros contra a democracia, não estejam a violar, em meu entender, um mandato e a constituição, mas isso faz parte da democracia e a democracia, as falhas na opção e na escolha pelo voto, corrigem-se democraticamente na votação seguinte, tudo vai de, em termos de lealdade democrática, se manterem as condições, de se fazerem permanecer asPermita-se a expressão, uma desforra ou uma contraprova eleitoral na primeira oportunidade legal e constitucional isto para dizer à minha maneira que penso que as próximas eleições se deveriam

Handwritten notes and signatures on the left margin:
- *lun*
- *Manuza*
- *Handwritten initials and signatures*

Handwritten signatures and notes at the top of the page:
- *Vegeter*
- *Handwritten signatures and initials*

seguras e bem definidas. Depois dos anos 40 e 50 quando já realmente não
 poderia ser dada a explicação plausível ou razoabilidade certa da vida
 portuguesa na sua sistematização política como vinha acontecendo, espera-
 va-se o 25 de Abril a cada passo, ele surgiria, concerteza, porque o povo
 na sua luta constante, dinamizando-a agora, com mais precisão, vinha exi-
 gindo que um 25 de Abril acontecesse. A guerra colonial que o povo portu-
 guês já não podia suportar e que queria naturalmente, impunham, lia-se
 nas entrelinhas dos jornais, ouvia-se em toda a gente, notava-se quando
 passavamos as fronteiras e tínhamos que realmente conversar sobre isso
 lá fora, pela Europa fora e tudo isso ia acontecendo aí, por concerteza,
 um 25 de Abril para que realmente Portugal desse uma volta histórica e
 integrado na Europa que realmente nos chamava também, concerteza dessemos
 com uma dimensão diferente, uma vida bem diferente, daquela que estava a
 ser dada no aspecto colonial. E surgiu o 25 de Abril numa altura em que
 já podre, caduco, o sistema de então cairia necessariamente e vemos como
 nessa altura todos vieram para a rua, para o campo gritando pelo 25 de
 Abril, sem lhe darem uma feição ou uma ideologia política precisa. É que
 não satisfazia a ninguém o que se vinha passando até aí. Então o 25 de
 Abril vinha resolver, assim se pensava naquele momento cruciante, todos
 os problemas de harmonia com os interesses individuais, com os interesses
 de grupo, com os interesses colectivos dos portugueses. Não se estava nes-
 sa altura ainda, em condições de poder pensar o que seria realmente o 25
 de Abril e como seria o País depois disso, o que interessava sim, o que
 se impunha sim, é que entrássemos numa democracia onde já há muito nós
 dela estávamos afastados, o conceito de liberdade que ardia no peito e no
 coração dos portugueses fosse real, objetivo, certo que a justiça social
 viesse para todos os portugueses, que uma repartição de riqueza começasse
 a notar-se mais evidente, mais certa e mais definida. Era assim que nós
 queríamos o 25 de Abril, foi assim que o movimento das Forças Armadas com
 a nomenclatura tão longe vivida e referida dos célebres capitães de Abril
 o disseram logo nessa mesma data. E foi naquela simplicidade de conceitos
 naquela enumeração tão breve como a que nos foi oferecida em 25 de Abril,
 pelo movimento das Forças Armadas e depois pela Junta de Salvação Nacio-
 nal, como nós começámos então a compreender o que era o 25 de Abril, mas
 parece que não houve um compasso de espera e que só hoje, eu acredito,
 que realmente partiremos para o Portugal do 25 de Abril, para esse Portu-
 gal que nós queremos vivo, igual a si próprio, onde todos, onde todos os
 portugueses encontrem com o direito do trabalho, a hipótese de trabalhar,
 onde todos os portugueses encontrem a possibilidade de se fazer justiça
 à injustiça social e temos tantotanto tempo arredados dela, onde todos
 os portugueses encontrem na solidariedade que se impõe a razão de ser da

Handwritten signatures and notes at the top of the page, including names like 'Pimenta', 'Afonso', 'Vieira', and 'Machado'.

Vertical handwritten notes on the left margin, including 'Pimenta', 'Afonso', and 'Machado'.

sua existência e que nós possamos daqui a um ano que comemorando exactamente esta data já com mais de um ano de história de Portugal, dizer, dizer abertamente, o sentimento da liberdade que existia em todos nós, nestes aveirenses que têm pela liberdade um conceito especial e um carinho que todos nós reconhecemos dizer que efectivamente se começou a fazer um 25 de Abril e que aquele programa das Forças Armadas é um programa real, objectivo, sério, definido e que hoje mais do que nunca, ele avança para que Portugal seja novo. O Portugal do 25 de Abril que nós tanto queríamos que o desejamos e que estou certo virá. VIVA O 25 DE ABRIL".

Finalmente, usou da palavra, o Vogal Encarnação Dias que, em nome do Centro Democrático Social, disse o seguinte: "Sr. Presidente, Minhas Senhoras, Meus Senhores: Faz seis anos, viviam Portugal e os portugueses o seu dia de esperança. Acordara o País ao som da Revolução, acontecimento que a geração de ontem já se não lembrava, a de hoje só ouvira falar, e a de amanhã ansiava no fervor da sua juventude. Foi dia grande, noite maior. Para trás, ficava Portugal antigo, já vivido; a esperança era o Portugal de amanhã, novo, diferente, trajando o fato da liberdade e da democracia, onde estas significassem justiça, progresso, paz e amor pátrio. Cansados de frustrações, traumatizados de guerra, ansiosos de mudança, veio o País para a rua viver o momento, a hora grande, a hora de esperança. E vivido foi com alegria, com emoção, em pleno. Escutado com ansiedade crescente, leu-se programa, conjunto de intenções forjado na serenidade da experiência, temperado na justeza das aspirações de todo um povo. Anunciou-se ao País, com segurança e seriedade, tudo aquilo que dá gosto ouvir, tudo aquilo que o País desejava ouvir. 25 de Abril, o dia histórico! 25 de Abril que foi tudo isto, mas aquilo que só se vive, e que palavras não têm. Difícil, seria então abstrair as naturais emoções, dominar a febre contagiante, adormecer a pensar Portugal. Tudo era fácil porque tudo era festa. Enfrentavam-se então internacionalmente sérios problemas sócio-económicos e que naturalmente nos afectavam também. Havia que caminhar com prudência, pois, quando esta significa bom senso, equilíbrio, e alto sentido de responsabilidade. Arrumar a casa e governar o País, exigia pois, competências, mas ... o dia era grande, e tudo fizera esquecer. Fizeram-se promessas, muitas, fáceis, demasiadas promessas: Os emigrantes, regressavam todos; Faziam falta. Acabada a guerra do Ultramar, dinheiro para toda a gente. Habitação, uma casa para cada um. Pleno emprego. Saúde e ensino para todos. E TUDO ISTO, JÁ! Sr. Presidente, Minhas Senhoras, Meus Senhores: Dum dia para outro, o País perfeito, como magia! Esquecemo-nos, esqueceram-se eles, de que só o trabalho gera riqueza, bem-estar e paz social. Um país constrói-se trabalhando, e só depois se pode distribuir aquilo que se cria. Pouco importa, seis anos passados, referir

in
Amadeo
Luiz
Paulo
João
Francisco
Alfonso
Alfonso

Amadeo
Luiz
Paulo
João
Francisco

apenas que se cometeram erros e mascarar assim toda uma longa série de incapacidades, incompetências confrangedoras, irresponsáveis, que deviam suportar nas costas todos os crimes de lesa-pátria de que são responsáveis e que a história falará. HERDAMOS UM PATRIMÓNIO DE HISTORIA QUE NÃO ENJEITAMOS, E TEMOS DE LAGR AOS NOSSOS FILHOS ESSE TESTEMUNHO ENRIQUECIDO. O 25 de Abril que hoje comemoram, não está em causa, não poderá estar em causa. Era um marco ansiado e um farol da esperança. Teria de vir, teria de acontecer. Por ele se bateram, durante decénios, vultos grandes deste país também grande, democratas autênticos, homens dignos e políticos sérios. E aconteceu, quando a guerra do Ultramar desgastara o País e num longo regime já não se acreditava em soluções para os nossos problemas. E foi na madrugada do 25 de Abril. Não por força de patriotismo, infelizmente e como então se pretendeu, mas por problemas de classe como a história registará. Mas aconteceu, e essa a grande realidade. Sr. Presidente, Minhas Senhoras, Meus Senhores: Seis anos estão passados, e urge perguntar: Que País somos hoje? que País temos de ser, depois do vento da esperança, sofrer na carne todos os assaltos ao poder, todos os oportunismos dos ambiciosos, as loucuras do gonçalvismo? Que País temos de ser, depois de suportar todas as tentativas para nos imporem figurinos de ideologias totalitárias, que a consciência do País rejeita e o respeito pela liberdade nos impõe? Que País temos de ser depois do desfilar de mediocridades feitos governantes, duma descolonização de cobardia, da traição de tantos, num pseudo-estado de direito onde o assalto, o roubo, as ocupações e a justiça popular fizeram a sua época e foram lei? Temos de ser um País doente, quer física quer moralmente. E assim, seis anos passados, continuamos sem casas para habitar, sem a assistência a que todos têm direito, sem ensino capaz que corresponda às solicitações, sem emprego para grande parte activa da população e sem justiça social como nos foi prometido. Esconder estas verdades, disfarçar estas realidades, é enganar o País, trair o 25 de Abril. Mas ... e como disse, a hora tem de ser de esperança, e este dia também. Curtido em oito séculos de vida, herdado de uma história que, muitas vezes adversa, sempre soube encontrar na firmeza e na coragem dos homens a força animica que os lançou nos mais altos cometimentos que espantaram o mundo, hão-de Portugal e os Portugueses saber encontrar as soluções, vencer as dificuldades, percorrer o caminho das rotas certas. Só assim seremos dignos dessa mesma história. Sr. Presidente, Minhas Senhoras, Meus Senhores: É em nome da democracia que hoje nos reunimos aqui. Democracia que, acima de tudo, importa defender, como herança da data que hoje comemoramos. Democracia que, muito embora seriamente, abalada por contestações permanentes que só a diminuem e aviltam, e que não visam mais do que o seu enfraquecimento, terá que continuar a ser preocupação constante

dos portugueses. Que à sombra dessa mesma bandeira da democracia, os políticos responsáveis deste país, os políticos democráticos saibam encontrar os caminhos que melhor sirvam todo um povo, sem falsas promessas, sem demagogias, sem as discursatas em que poucos já acreditam e o país real já não suporta. Defender a Democracia, ilacção primeira do dia de hoje, pois em seu nome, e por forças políticas que só a conhecem para uso externo e para dela sugarem proveitos, cometeram-se e continuar-se-ão a cometer-se e nós não estivermos atentos - os maiores ultrajes ao seu significado, as maiores ofensas à sua dignidade. Seis anos são passados sobre o 25 de Abril. Seis anos que hoje celebrámos. Que no respeito pelas liberdades conquistadas, pela conquista da democracia e pleos deveres que a mesma nos impõe, que o dia de hoje possa ser, por séculos muitos, um dia de festa, nunca um dia de vergonha. 25 de Abril deve ser, tem que ser, o dia não de grupos, classes ou partidos, mas sim o dia de todos os portugueses. Temos hoje um governo, eleito pelo povo. Pelo voto. Esta, a verdade incontestável. Isto é democracia".

Terminadas as intervenções o Presidente da Mesa enalteceu o civismo demonstrado e deu os trabalhos por encerrados.

Eram 11 horas.

Para constar e devidos efeitos se lavrou a presente acta que vai ser assinada pelo Presidente e por todos os Membros presentes, depois de subscrita por mim, *[Signature]* Chefe da Secretaria da Câmara Municipal de Aveiro.

[Signature]

[Signature]

[Signature]
[Signature]

[Signature]

[Signature]
[Signature]

[Signature]

[Signature]
[Signature]

[Signature]

[Signature]

[Signature]
[Signature]

[Signature]

[Signature]

[Signature]